



Noites de Insónia

15 julho 2020

Formador: João Paulo Braga

SETE DE JUNHO DE 1849

Trabalhei muito por compreender todas estas coisas, e assentei que o homem não pode entender as obras de Deus; nem achar a razão do que sucede debaixo do sol.

Eclesiastes IV

E, pois, um santo e saudável pensamento orar pelos mortos.

Macabeus

Vamos recordar um amigo comum, meu caro Barbosa. Faz hoje oito anos. Era em uma manhã assim formosa de poéticas louçanias como esta.

Eu conhecera José Augusto na véspera deste assinalado dia. Contemplara-o muitas vezes com a preocupação dum convicto frenologista. Acharva-lhe no rosto, nas maneiras, no ar, um cunho de distinção, não sei quê à parte de todos os rapazes da sua idade. Tinha ele um exterior frio, que muitos, e eu também, reputavam soberba. Era muito pouco mesureiro, e recebia com desdém ou indiferença as cortesias, como se enten-

desse que era obrigatório considerá-lo um homem excepcionalmente admirável e respeitável.

A mim afigurou-se-me um fidalgo de província, educado pelo capelão, fruindo alguns mil cruzados de renda, ignorando tudo, menos algumas receitas de veterinária, presumindo com herdeiras ricas, e arremedo dalgum primo, que esteve um inverno em Lisboa, e voltou para dar o tom à província onde se fez a fera, o leão de campanário.

Enganado por esta suspeita, não quis ser apresentado a José Augusto, e ele, de génio inglês, não apertava a mão aos que o conversassem sem o precedente da apresentação.

Até simulávamos recíproca antipatia, e razão havia para ela, desde que nos encontrámos em crua guerra por causa das célebres rixas do teatro lírico de 1849, no Porto, em que eu fui um tolo, e José Augusto um pretendente.

Uma noite, porém, no Café Guichard, o nosso amigo sentou-se à minha mesa, e não sei o que me disse acerca de uma poesia-folhetim, que ali estava, rica de erros de sintaxe, e injúrias ao senso comum.

Gostei do intróito. Parecia-me outro, com grande vantagem sua, José Augusto. Por pouco nos não franqueámos os segredos do coração um ao outro. Estivemos em conversação agradável algumas horas, e ajustámos um passeio a cavalo na manhã do dia seguinte.

Faz hoje oito anos: dia da romagem do

SENHOR DA PEDRA, ao sul do Porto duas léguas, na costa de Espinho.

As cinco horas da manhã apeei à porta de José Augusto. Achei-o dormindo no quarto, donde meses antes, saíra Jorge Artur, a precipitar-se no Douro. Foi esta uma coincidência que não merece nota; porém, para mim, teve-a, e não ligeira. Eu acho as harmonias desgraçadas de todas as coisas. Avulto, à feição das minhas quimeras, o que os outros amesquinham com a sua indiferença. O meu espírito é pequeníssimo: qualquer coisa o enche.

As iniciais de Jorge Artur, e as iniciais de José Augusto... Até essa coincidência do alfabeto me deu que cismar!

O nosso amigo acordara bem humorado. Não havendo ali quem me guardasse o cavalo, disse-me José Augusto que o trouxesse para o quarto. Ora, o quarto estava na plana do corredor, ao rés da rua e não era a primeira visita semelhante que recebia. Entrou o cavalo para o quarto, enquanto José Augusto se vestia, e a dona da casa, acordada pelo pisar estrondoso do irracional, dizia de lá que éramos todos a mesma gente. Coitada da pobre senhora! Dizia muitas destas amabilidades, e tinha razão.

Sáímos para a romaria, não menos alegres que o populacho que enchia a estrada. Comunicavam-nos a sua alegria as bailadeiras incansáveis, com o vestido arregaçado a meia-perna, e os garridos lenços soltos ao capricho das evolu-

ções lúbricas da *Sirandinha* e *Cana verde*. Chasqueávamos os carroções, tirados por pares de gemebundos bois, costa acima por aqueles algarres de Vila Nova de Gaia, a trasbordarem cabeças de numerosíssimas famílias que se empilhavam sabe Deus como. Aproveitámos o ridículo de tudo, e até do sério tirávamos o sal que a nossa alegre imaginação lhe emprestava.

Chegámos a uma légua do Porto, e encontramos uma graciosa aldeia marginando de ambos os lados a estrada. Notei uma pinturesca morada de quatro janelas envidraçadas, com rótulos verdes. Respirava frescura aquela casinha de um exterior tão limpo, tão cuidado, como se ali morassem as fadas dos contos, que se aprendem na infância, e ficam entalhados na alma, como a expressão plástica do belo, que a imaginação adulta não sabe pintar melhor.

— Ali — disse José Augusto — moram duas lindas mulheres. Já as vi algumas vezes, e, quando as vejo, fico pensando nelas alguns dias.

— É o que hoje lhe não acontecerá — disse eu — porque não vimos nada.

A alguns passos de distância, José Augusto parou, e disse:

— Deixemos passar esta gente para ficarmos sòzinhos. Quero que veja um lindo local.

Era, certamente, lindíssimo o sítio que estava a cinquenta passos de nós, na margem esquerda do caminho.

Via-se a casa meio arruinada do morgado de

Vilar de Paraíso, Fernando Camelo. Nas paredes afumeadas abriam-se algumas pequenas janelas de rústico lavor, com portadas de pau, por detrás dos fragmentos de caixilhos, que as ventanias despojaram dos vidros.

Ao pé da casa estava a igreja matriz, mais pequena que uma capela particular, com o sino enforcado entre duas tranqueiras de pedra, e um carvalho corpulento, de cinco séculos, abraçando com a rama a torre, e cobrindo com a sua larga copa o adro, a igreja, e a escadaria larga que levava ao adro.

Nos campos que circuitavam o outeiro, em que o século XIV vira surgir o solar dos Camelos, pastavam algumas vacas com os novilhos, e uma égua farejava e lambia a cria que se espolinhava na relva. Ouvia-se a preguiçosa toada de uma cantiga pastoril. Tem uma suave tristeza este cantar dos campos, mormente para os que foram criados na aldeia. Há poesia, há saudade, há reminiscências da alma inocente nesses instantes de recolhimento; há tudo, menos a esperança para o habitante das grandes cidades, onde, em cada dia, se alarga mais a voragem dos prazeres simples.

Sentíamos o mesmo ambos; dizia o mesmo o nosso silêncio. Entrara em nós um ar de melancolia que nos quebrava as forças e a vontade com que saíramos do Porto.

Assim estivemos meia hora, ou mais seria, naquele alheamento de sentidos.

José Augusto disse-me que a sua vontade era viver naquela casa, ser o que poderia ser na sua aldeia se nunca de lá saísse, amanhecer ali em cada novo dia com o coração cheio de esperanças moderadas do homem da natureza, que está sempre mais em contacto com a Providência divina, e nunca se arreceia dos seus rigores.

Prosseguindo neste respirar de boa alma, exaltou-se até ao sentimento do amor fino e quase incompreensível como nós sabemos, meu caro Barbosa, que era o amor em José Augusto.

— Aqui — prosseguiu ele — a mulher teria o valor que lhe dá a primeira paixão. Deus e ela seriam aqui todas as minhas afeições. Veríamos, a toda a hora, o céu, onde a nossa ventura, interrompida um instante pela morte, se continuaria no seio da bem-aventurança. E onde está essa mulher que pudesse dar-me ali a felicidade?! Não a há, talvez, porque tenho sido, e serei sempre enganado pelo prisma que já agora se vai embaciando.

Aquelas mulheres que além moram, na casa que eu lhe mostrei, devem ali ter vindo muitas vezes sentar-se debaixo daquela árvore. O que sentirão elas?! Como terá sido o desenvolvimento daqueles corações a este ar balsâmico de inocência e perfumes do céu?! Estão para aqui escondidas duas flores, que dariam um aroma de vida a homens expirantes de cansaço.

Quem me dera vê-las surgir agora além, no portal da igreja, onde muitas vezes irão derra-

mar na oração o amor indefinido que lhes enche o seio... Aqui estou eu amando mulheres que apenas vi duas ou três vezes de passagem! Será isto poesia? O mundo tem sobeja razão de escarnecer os poetas!... Vamos daqui: esta tristeza é de mais. Por mais anos que eu viva, jamais esquecerei este dia, e este sítio, e as saudades que senti.»

José Augusto era poeta. E poeta o que é?

Poeta é aquele que desmente as leis anatómicas e fisiológicas, vivendo do princípio vital de uma única entranha: o coração. Poeta é o elo solto da cadeia social, excrescência bastarda neste mundo, pérola perdida em lamaçal de javardos, pompa e lustre das decorações teatrais a que assiste, ressonando, com a chusma de espectadores acéfalos, e abençoados da estúpida fortuna.

Poeta é o amante da noite, da solidão, da lua, das estrelas, do mar, da fonte, da viração, do rouxinol, dos mil ruídos do silêncio nocturno, das mil notas que salmeiam cantares a Deus.

Ser «poeta» não é ser metrificador, alinhador de compassadas sílabas, mestre de pausas, e infatigável esmerilhador de consoantes.

O poeta raras vezes faz versos; e, se os faz, além dos vinte e cinco anos, é infecundo, porque então lhe entrou na alma a noite do desengano, apagados os alvares da estrela, que lhe pronunciara um dia magnífico. Desluz-se-lhe o ar que o arraiara de resplendores; vão-se os perfumes

que lhe incensaram o altar dos primeiros ídolos; fecha-se o templo da fanática devoção; e, daí até ao fim da vida, a esperança balda sempre, o seu amor, sempre vago, sempre sedento, é o devorar-se interior, uma constrição de alma sem espi-ráculo.

Nesta, ainda bem pequena tribo de infelizes, há alguns que nunca envelhecem mártires, cuja coroa de espinhos inflora ainda sobre cabelos brancos.

Não é porque a terra lhes brote fontes onde eles mitiguem a sede de indefinível amor. Ao revés; todas as mágoas do desengano porfiam em maltratá-los. A sua confiança, desvendada hoje, cega-se amanhã de novo. Uma mulher os despenha, outra os levanta; uma despe as louça-nias, que alindavam o limo terreno, outra se enfeita com as canduras prestigiosas do anjo. Diante do poeta está sempre a imagem sonhada. Viageiro sem horizonte real, o seu deserto é con-fim do céu, e o poeta não vê jamais que, para a sua alma, aquém desse horizonte, está o impos-sível; e se o vê, se o sente, não há-de redimir-se do seu fadário.

Voltemos ao conto:

Dali, até ao arraial da romaria, raras pala-vras trocámos, separados pela distância que, sem consulta, nos interpusemos.

Chegados à praia, onde está a capelinha do SENHOR DA PEDRA, fizemos oração sem pejo de que nos vissem os nossos ilustrados amigos

que dispensam Deus. Depois, encostámo-nos a um pinheiro, ouvindo cantar ao desafio.

Mais tarde, comemos o nosso sável, improvi-sámos duas conversadas, que nos chamavam *casacas*, e saímos do arraial com uma festança em que berravam desesperadamente três clari-netes, e um zabumba.

Em Vilar de Paraíso, outra vez defronte da-quela igreja, deixámos a *estúrdia*, e reatámos o fio das nossas contemplações.

Saímos de lá ao anoitecer.

Vi as duas mulheres da casinha pinturesca. Pareceram-me realmente belas, e dali ao Porto fantasiámos poemas em que os *dous anjos do ermo* volitando no fulgor da estrela vespertina, desciam a inspirar-nos.

Acabou-se a história.

Tu sabes que estas linhas podem ser a intro-dução de uma grande tragédia.

Ê cedo para escrevê-la; mas podes, José Bar-bosa, dizer aos teus leitores suspensos, e quei-xosos do desinteresse do conto, o seguinte:

Seis anos depois, naquela igreja, em que esti-véramos absorvidos longo tempo, esteve três meses embalsamado o cadáver da esposa de José Augusto, à espera de uma sepultura.

A esposa de José Augusto era uma das me-ninas da casinha de rótulos verdes.

José Augusto... bem sabes que deu um ósculo na face morta de sua mulher, e foi três meses depois, recebê-lo no céu.

Ele sabia que era lá o destino do seu amor.

Aqui tenho uma carta sua, escrita mezes antes da morte dela. Copiarei algumas linhas: «...Única mulher que amei, como sei e sinto que só tornarei a amar no céu. E essa mulher vejo-a aqui pálida e desbotada como a flor dos túmulos...»

Silêncio, e respeito às cinzas de um grande desgraçado.

Hoje relerei estas cartas diante do retrato de ambos.

Há umas palavras de *Maistre* que eu sei, que eu tenho no coração.

São estas:

Ah! Comme mon coeur est plain! Comme il jouit tristement lorsque mes yeux parcourent les lignes tracées par un être qui n'existe plus! Voilà ses caractères, c'est son coeur qui conduisait sa main, c'est à moi qu'il écrivait cette lettre, et cette lettre est tout ce qui me reste de lui!

Como isto é melancólico, meu amigo! E que mundo este...

Adeus.

In *Duas horas de leitura*, de Camilo Castelo Branco.